



**A MEMÓRIA DAS NORMALISTAS FORMADAS NO IESK:  
GÊNERO, JUVENTUDE E MEMÓRIA**

***THE MEMORY OF “NORMALISTAS” GRADUATED BY IESK:  
GENDER, YOUTH AND MEMORY***

Amanda RABELO<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo tenciona analisar a memória das normalistas do Instituto Sarah Kubitschek (IESK) a partir das influências de seu local de formação e moradia. Pretende-se elucidar como se deu a motivação de sua escolha profissional. Indagar-se-á a geração da memória das normalistas do IESK visando esclarecer os processos que contribuíram para a construção social dessas professoras como, por exemplo, os fatores históricos da feminização do magistério e a conseqüente memória social que leva a mulher a optar pelo magistério.

**Palavras-chave:** Memória; formação de professores; feminização do magistério.

**Abstract**

This article intends to analyze the memory of the “normalistas” (students to teach in elementary school) formed in Instituto Sarah Kubitschek (IESK) from the influences of its place of formation and housing. It is intended to elucidate as if it gave the motivation of its professional choice. It will be inquired generation of the memory of the normalistas of the IESK aiming at to clarify the processes that had contributed for the social construction of these teachers as, for example, the historical factors of the feminization of the teaching and the consequent social memory that the woman takes to opt to the teaching.

**Keywords:** Memory; formation of professors; feminization of the teaching.

Por meio de minha memória, percebo que a docência não é uma escolha de cunho pessoal, que dependa exclusivamente de cada um. Todas as lembranças, caminhos e atitudes que tomei foram influenciados pela memória social, ou seja, só pude me tornar quem eu sou devido às pessoas com que lidei e que me deixaram lembranças, aos obstáculos pelos quais passei e a forma como os enfrentei.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Ciências da Educação – Departamento de Ciências da Educação de Universidade de Aveiro – Aveiro/Portugal – Bolsista da FCT. Endereço: Campus Universitário de Santiago, 3810-193, Aveiro, Portugal. Telefone: (00351) 234 370639  
arabelo@ua.pt.

A concepção que tenho do processo educativo está indissociavelmente ligada à minha percepção de mundo, às minhas memórias, ao questionamento da educação vigente e à tentativa de apresentar aos professores uma nova forma de perceber a educação, não como um local feminino por excelência, mas como um espaço prioritário de embates sociais que podem acontecer na veiculação de uma memória ciente das divisões dos papéis e da formação de identidades fixas, ou seja, de uma memória discutida que vise a criação do singular.

Apesar da esperança em desenvolver uma educação aliada ao questionamento, à criticidade, percebo o quanto essa memória movida pelo poder tanto quer enquadrar todos nos seus “devidos lugares”, quanto influencia diretamente os professores da sociedade. Esse poder, de acordo com Foucault (1979), não provém de um só lugar e é exercido sobre o indivíduo a todo o momento no intuito de discipliná-lo e torná-lo útil, isto é, produtivo. O poder controla a memória e acaba por constituir o eu, como esclarece Gondar (2000, p. 37):

[...] a memória é um instrumento de poder — o que implica admitir que não há poder político sem controle da memória e do arquivo [...]. Política que não se reduz à dimensão do Estado, mas que abrange todas as dimensões onde se verifica um embate entre forças, um jogo de poder — incluindo aí a própria constituição do “eu” [...].

Assim, ao entrevistar algumas normalistas formadas em 2001 no IESK (Instituto de Educação Sarah Kubitschek) analiso o discurso individual como permeado pelo social e por relações que se estabelecem com o meio e com a memória das pessoas.

Primeiramente, elas estão inseridas em uma região administrativa — Campo Grande — que as leva a deterem suas atividades em um âmbito fechado, seja porque esbarram na distância e na dificuldade de acesso ao Centro da cidade do Rio de Janeiro, seja porque desfrutam da auto-suficiência de seu comércio (o que dispensa a ida a outros bairros). Esses atributos induzem a continuidade dos costumes já conhecidos e a valorização dos divertimentos que o lugar dispõe.

Incomoda-me essa falta de contato com outros bairros e com outros costumes, acho importante fazer opções e não ficarmos limitados a aceitar o que já está estabelecido. Esse incômodo aparece também no discurso de uma normalista entrevistada, porém não é geral. A memória divulgada pela comunidade exalta extremamente os hábitos locais.

Esse bairro fechado em si mesmo, que se apresenta como “um feudo cercado de fortalezas”, parafraseando um entrevistado, acaba por exaltar as instituições da região, como, por exemplo, o IESK — enquanto única instituição pública de formação de professores (embora isso não aconteça com uma intensidade tão grande quanto há poucos anos atrás).

As memórias propagadas nesse espaço restrito ressaltam a valorização da profissão docente para as mulheres, a exaltação das atividades efetuadas no local, a desmotivação frente às atividades que são feitas distantes do bairro etc. Por esse motivo, a relação com o bairro tem sido, de forma geral, limitadora de uma memória mais aberta às escolhas e a um contato com outras formas de agir.

A memória social dos moradores da região está fortemente impregnada dos valores locais, de seus costumes e espaços de contato. É impossível deixar tudo isso de lado, pois o social a todo momento nos interpela. Para criar o novo, é preciso deixar de apenas acolher o que é veiculado. É importante para o professor que ele também se abra ao conhecimento de valores gerais e que não se restrinja apenas ao seu círculo de ação. Essa postura o habilitará a incentivar os alunos a questionarem seu contexto de vida e suas memórias.

A influência do lugar sobre as normalistas fica patente no relato das entrevistadas. As marcas decorrentes do espaço de vivência delas se evidenciam nas suas preferências: como as culturais (a falta de contato com teatros e museus, por exemplo, e a valorização das festas da localidade), a profissional (pois a docência é a profissão incentivada pela memória local e uma das mais acessíveis na região) e nas opções de vida na localidade, como, por exemplo, no fato da preferência em não estudar, trabalhar e se divertir em outros bairros. Essas escolhas demonstram que as normalistas seguiram a tendência incentivada pela memória local e continuaram perpetuando-a.

A memória encaminha sempre para uma escolha, que leva ao esquecimento de outros estímulos que não foram escolhidos, conforme assinala Gondar:

Para que uma memória se configure, se delimite, coloca-se, antes de mais nada, o problema da escolha (seja ela consciente ou inconsciente): entre tantos estímulos diferenciados que nos chegam do mundo, alguns serão investidos a ponto de se tornarem traços mnêmicos, ao mesmo tempo em que outros serão segregados, esquecidos sem que jamais se tenham convertido em memória (2000, p. 36).

A escolha de uma profissão não é somente pessoal, ela está permeada sempre pela memória do indivíduo, que implica uma opção que pode ser baseada no orgulho próprio, mas depende de condicionamentos sociais mais profundos. Essa escolha, ou orgulho, leva ao esquecimento de outras influências possíveis, pois ela é afetada pelo poder político que é exercido sobre o sujeito. Gondar nos mostra que essa análise deve tentar sempre esclarecer outros fatores:

Não basta supor que a memória dá forma e conteúdo à identidade de um “eu”, de um grupo, sociedade ou nação. Pois admitir a relação de forças entre memória e esquecimento implica admitir o quanto essa grande abstração chamada “identidade” é ficcional, o quanto ela implica numa escolha política — ou “orgulhosa” —, o quanto ela se deve aos nossos interesses práticos. Não podemos falar de memória, articulando-a à identidade, sem inseri-la num confronto de forças e sem levarmos em conta que a memória é, antes de mais nada, um instrumento de poder (2000, p. 37).

É essa análise das forças que se afrontam na formação da escolha e da memória das normalistas. Os costumes dominantes são valorizados socialmente no espaço que elas têm contato. A escola não deve deixá-los de lado, ela deve relacioná-los com os hábitos locais, sem suprimi-los ou exasperá-los. No entanto, também deve proporcionar conhecimento dos vários tipos de costumes para que o tradicional possa ser questionado e para que surjam outras opções. A memória local é importante, mas não é a única, tem que ser apreciada, porém não de uma maneira cega e distanciada de todo o contexto social.

### **A motivação feminina pela escolha docente**

Porque a maioria dos professores de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries em Campo Grande/Rio de Janeiro são mulheres? Porque elas são maioria no curso normal? Procurando por essa resposta encontrei na história uma explicação, a feminização do magistério ocorreu atrelada ao interesse da classe dominante obter mão-de-obra mais barata e submissa (além de outros motivos como a própria luta feminina por mais expressão social). A entrada feminina no mercado de trabalho foi sendo socialmente aceita aos poucos, através de justificativas “naturalistas” que invocam diferenças biológicas para vincular a mulher a essa profissão.

A desvalorização financeira do professor fez com que acontecesse a *feminização* do magistério – conceito utilizado por Almeida (1998) para se referir à

expansão da mão-de-obra feminina em escolas, nos sistemas educacionais, na frequência à Escola Normal e nos traços culturais que favoreceram o exercício do magistério pelas mulheres – já que o homem não escolheria um curso que lhe dê uma baixa remuneração, atividade incompatível com a cobrança social de sustentar a família. A visão que se tinha, e que às vezes se mantém até hoje, é de que a mulher poderia aceitar uma baixa remuneração no seu trabalho, tendo em vista que não precisava sustentar a família, mas sim “seus luxos”.

Assim, as normalistas apresentam uma opção profissional baseada no fato de que o curso se tornou menos disputado por causa da saída dos homens, além de alegarem menor exigência “intelectual” durante os estudos, tendo em vista que as disciplinas do curso não tinham tanta importância, o mais importante era ser mulher e gostar de crianças.

Ou seja, não foi só em Campo Grande que essa memória relaciona a mulher com o magistério. Paulatinamente, a mulher foi tomando conta do magistério de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> séries<sup>2</sup>, pois ela é que teria a vocação para tomar conta de crianças e, assim, educá-las. Esse discurso é internalizado pelas normalistas de diversas maneiras: por instituições como família, igreja e escola, pelos meios de comunicação e, até mesmo, pelas brincadeiras que elas escolhem.

As entrevistas que fiz com ex-normalistas formadas em 2001 no IESK (Instituto de Educação Sarah Kubitschek) nos mostram que sua escolha se deve a estímulos familiares, com base na empregabilidade da profissão ou no fato de que esta seria uma profissão feminina. Mas também ao gosto por crianças, ou seja, a um “dom” pessoal que nasceria com ela. Outras apontam a idealização de algum professor que foi tão marcante na sua vida que acabou por se tornar um modelo de profissão a se seguir. Algumas também dizem se interessar pela “facilidade do curso” ou simplesmente pela falta de outras oportunidades na região.

O curso normal fica na memória social associado à simplicidade dos estudos, à baixa remuneração, à feminização, mas também é tido como um curso da mulher devassa, sedutora, pois esse discurso está associado a uma atividade na qual as mulheres se libertaram e entraram no mercado de trabalho, e a mulher trabalhadora e livre nunca foi bem vista socialmente, assim esse pensamento acabou tomando proporções depreciativas no imaginário popular (o que perdura até os dias atuais).

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, CAVALCANTE & CRUZ (2000) e FREITAS (2000).

A memória social também está permeada pelo preconceito contra os homens, já que eles aparecem como incapazes para o magistério ou como homossexuais: um homem que se preze não opta por uma profissão que não dê para sustentar a família e que lide com aspectos “femininos”. Esse pensamento não somente contribui para que as mulheres prefiram fazer o curso normal como também, de acordo com as narrativas das normalistas, faz com que elas percebam o homem como inábil para lidar com crianças e como um renegado do mercado de trabalho.

A memória veiculada pela sociedade não apresenta muitas alternativas profissionais e coloca imperativos sobre a mulher, principalmente em uma localidade que se distancia de outras e que valoriza os valores locais.

Deste modo, o magistério é percebido como uma profissão feminina que necessita de atributos — cuidado, carinho, afeto e atenção — que não são exaltadas nos homens e que, muitas vezes, lhes são negadas. Assim, faltaria a eles o “dom” feminino da “maternidade” ou do cuidado com as crianças.

Esse pensamento não provém unicamente das normalistas, pois elas recebem esse discurso da memória social que lhes é transmitida e acabam incorporando-o, há uma relação deste pensamento com um objetivo político na ampliação da participação feminina no magistério: as mulheres ganhavam menos e, para que se pudesse expandir o ensino para todos, era necessário que o governo gastasse menos com os professores. Os homens não aceitariam um salário menor, então era necessário que a mulher assumisse esse posto, não pelo salário, mas por sua suposta “vocação” natural para essa profissão. Catani mostra como esse pensamento era justificado:

Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia — procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres (1997, p. 28-29).

Destaco aqui que há uma diferença entre achar que nasceu com “dom” ou com “vocação” para o magistério e o “gostar da profissão”. É importante o apreço pela profissão e por crianças. Mas, é necessário que se faça uma reflexão a respeito da memória que é transmitida à mulher. A escolha profissional pode ser encarada como a possibilidade de formar uma alternativa singular.

A memória e as escolhas da vida devem ser relacionadas ao amor ao que se faz, pois nada melhor do que trabalhar com o que se gosta. Deve existir uma paixão que não seja cega, que possibilite enxergar as determinações sociais. O indivíduo deve lutar por sua oportunidade de escolha, ressaltando as individualidades, as habilidades de cada um, e também os empecilhos sociais que poderiam enfrentar. Proponho uma *memória da paixão* ao invés dessa *memória da submissão* que é exaltada pela nossa sociedade.

A paixão pelas lembranças e pela possibilidade de mudá-las, quando essas são limitadoras dos indivíduos, move o “gostar da profissão” e a luta por torná-la não-excludente. Deve-se evitar a estagnação e a obediência sem questionamento.

A professora pode escapar dessa “memória da submissão” que a impele para o magistério, ela é capaz de não se submeter sem que precise fugir da profissão (às vezes, a evasão da profissão leva para um caminho de maior submissão ao poder). Proponho uma memória produtiva e apaixonada, que divulgue nossos discursos, sentimentos e experiências, e se diferencie de uma memória nostálgica, de um tempo tradicional que muitas vezes contribuiu para propagar formas de exclusão social. Proponho uma singularização a partir da união e da troca de experiência, que está presente nas narrativas e nos discursos das normalistas e dos professores.

Divulgar os sentimentos não significa deixar de se preparar e se qualificar para lidar com a situação educacional, mas analisar os fatos recebidos e que nos incomodam. Pode-se perceber que o sentimento e o afeto estão presentes nos discursos das normalistas, só que eles devem ser guiados para a reflexão e não para a aceitação de uma estrutura escolar que espera a mesmice e a obediência.

Não há uma fórmula para ser professor. O professor que consegue atingir seus alunos é aquele que é flexível e que busca novas formas de ensinar, que assume suas individualidades e procura um modo singular de ser diferente. Essa diferença não se apresenta na masculinidade e na feminilidade, mas na diferença entre as pessoas que lutam por suas individualidades e pela valorização da sua profissão.

O percurso de minha escolha profissional envolve estímulos familiares, mas tem algo de singular, de pessoal, que foi a busca por lutar por uma educação mais crítica, que permitisse uma consciência da submissão que sofremos. Também não tive professores-modelo que me motivaram à docência, nem me considerava com o dom para o magistério ou capaz de ser professora por gostar de crianças. A minha opção pela docência não foi originada de uma necessidade de emprego, mas de uma vontade de

lutar para que a educação se desvinculasse da sujeição e da formação de identidades fixas que diferenciam os papéis na sociedade.

Minha memória é invadida por essa paixão e por esse amor. Singularizar é ter amor pela profissão, um amor aliado ao prazer, mas, principalmente, à luta por uma educação que seja realmente de todos e para todos, a uma memória liberta do controle.

## Referências

ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

CATANI, D. et al. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In: CATANI, D. et al. (org.) **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CAVALCANTI, M.; CRUZ, M. Formação de professores: história de mulheres professoras. IN: FREITAS, M. (org.) **Memória de Professoras: História e Histórias**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

FOUCAULT, M. (org. e tradução de Roberto Machado). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREITAS, M. T. de A. (org.) **Memória de Professoras: História e Histórias**. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

GONDAR, J. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, I.; GONDAR, J. (org.) **Memória e Espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

RABELO, A. O. **A memória das normalistas do IESK de Campo Grande/RJ**. 124f. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Memória Social e Documento, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2004.

Recebido: 03/10/08

Aceito: 30/11/08